

O MUSEU DO FUTEBOL E UMA HISTÓRIA PARCIAL; OU NÃO HÁ FUTEBOL FEMININO NO BRASIL?

Enny Vieira Moraes¹

Univ. Estadual do Sudoeste da Bahia / Pontifícia Univ. Católica de SP

São Paulo, Brasil

ennymoraes@hotmail.com

Recebido em 5 de abril de 2009

Aprovado em 17 de abril de 2009

Resumo

Esta resenha tem como meta analisar uma exposição do Museu do Futebol, localizado em São Paulo (SP).

Palavras-chave: mulheres; futebol; memória.

Abstract

The football museum and a biased history; or is there no women's football in Brazil?

This review has the goal of analyzing an exposition of the Football Museum, located in São Paulo (SP).

Keywords: women; football; memory.

No ano de 2008 foi inaugurado em São Paulo o Museu do Futebol, situado sob a estrutura das arquibancadas do Estádio Pacaembu, projeto audacioso que objetivou contar a história deste popular esporte no Brasil, associando-o aos mais diversos elementos históricos, incluindo fatos e personalidades ilustres. Nele podem ser observados registros que vão desde a implantação do futebol no país com Charles Miller em 1900, até acontecimentos mais recentes ocorridos no contexto histórico e político nacional e internacional do final do século passado e, como não poderia faltar – os registros das várias conquistas da seleção brasileira em suas diversas edições.

¹ Professora Assistente do Curso de Educação Física da UESB. Doutoranda em História Social (PUC-SP).

O destaque do museu é para os grandes heróis consagrados por seus feitos através desse esporte que são vistos e ouvidos por quem visita a imponente estrutura. Podem ser encontrados depoimentos de vários atletas, artistas, comentaristas, jornalistas, ou seja, pode-se dizer que ali se conhece a história viva deste esporte considerado – da cultura brasileira.

Mas um fato que nos surpreendeu foi a ausência, quase que completa de informações acerca do futebol feminino. Resolvemos registrar tal ausência – que passa quase despercebida pelo acúmulo de imagens e sons de jogadores nas telas, nas fotografias, nos adereços, etc. – prioritariamente porque temos hoje duas das consideradas melhores jogadoras do mundo na modalidade, eleitas pela FIFA, também brasileiras, reconhecidas internacionalmente.

Refletindo sobre o assunto, passamos a nos questionar sobre: quais seriam os principais motivos que, em sua essência, tratam de camuflar, ou mesmo esquecer a história de mulheres no futebol do Brasil? Ou, não há interesse em contar essa outra história, composta por mulheres, e tão igualmente cheia de vitórias, embora com muito menos glórias e reconhecimento?

Na realidade, contar histórias de mulheres não é tarefa fácil. Grande autora francesa, Michelle Perrot, em algumas de suas obras, buscou retratar as dificuldades em se registrar histórias como essas. Como bem mostra Perrot, negar historicamente o acesso a educação às mulheres e apagar registros de suas lutas durante toda história da humanidade, é uma das formas mais contundentes que conhecemos, que expressa a luta entre gêneros e reflete a necessidade masculina de demarcar seu território, instituir seu poder e sua pretenciosa soberania.

Vale observar que as tentativas de nulidade da história das mulheres reflete uma necessidade irracional de supervalorização do homem, frustrada pela capacidade

feminina de burlar obstáculos e, diante das demandas sociais, misturando-se nas lacunas que vão surgindo e que vão paulatinamente sendo ocupadas por elas, fato esse que revela a legítima necessidade da construção de uma realidade que precisa ser, cada vez mais, plural e justa.

No Museu do Futebol, logo de início podem ser vistos e lidos vários registros de jogadores de futebol como Garrincha, Zico, Rivelino, Ronaldo o chamado “fenômeno”, Tostão, Vavá, dentre outros, além da imagem de cera e em tamanho natural de Pelé. Neste espaço figuras femininas surgem desde o início da exposição, e podem ser vistas como em ilustrações de propagandas de times como o Santos Futebol Clube e Corinthians Paulista, num emblema do time de 1910 (fotos de Rubem de Mello). Outras mulheres podem ser vistas em outras salas e fases da exposição, como em foto que retratam várias décadas no Brasil, como no início do século XX, revelando costumes do cotidiano de famílias paulistanas, por exemplo. São fotos que mostram mulheres, mas sempre ao lado de homens ilustres ou mesmo aqueles comuns, como que sugerindo a ocupação de seu “secundário espaço na história”.

Mais adiante em nosso passeio, encontramos o lugar reservado para o futebol feminino - o das “curiosidades”, onde há o registro da primeira partida disputada por mulheres, ocorrida em 1898 entre Inglaterra e Escócia e o registro da mais antiga (que se sabe), partida de futebol entre mulheres no Brasil, ocorrida em 1921 em São Paulo. Fora isso, nada mais sobre esses registros, sobre esses sujeitos, suas histórias, muito embora a própria imprensa nacional já tenha tratado de mostrar que há futebol feminino no país desde a segunda década do século passado. O que se sugere é que o futebol é mais um espaço dominado por homens e que as mulheres que ousaram se imiscuir nele, apenas saltam ou relampejam aleatoriamente.

Isto nos leva ao início desse breve texto, lembrando a questão que nos impulsionou a escrevê-lo: quais são os motivos que camuflam a história do futebol feminino no Brasil? Ou melhor: quais as reais necessidades em se anular a história das mulheres em nosso país?

É bem verdade que os elementos e seus registros de épocas que remontam ao futebol feminino início do século passado, ainda são poucos. No entanto, é preciso revelar outro fator que fica subtendido que, em nossa interpretação, foi intencionalmente fundante para se omitir essa história - a necessidade de esconder e anular um *corpo de mulher diferente*, que subverte um padrão de feminilidade culturalmente imposto e aceito em nosso país e que, igual ao futebol, classifica e normatiza o padrão da mulher brasileira: *a Boa como uma boa cerveja gelada!* Contrariando essa norma as mulheres do futebol desenvolvem um corpo que se trabalha e que opta pela força de seus músculos e que, finalmente, “**masculiniza-se**”.

Esta sim podemos constatar é uma história a não ser contada, até porque, na fragilidade feminina, revestida por uma suposta feminilidade, subscreve-se uma das normas de subserviência da mulher em relação a seu dono e senhor: o homem dominador, pretensiosamente senhor de tudo, do espaço público, e também do espaço dos esportes - onde *ele* procurou se impor como um semi-deus!

No entanto, na atualidade, não podemos negar a existência de jogadoras como Sissi, Maicon, Delma Gonçalves (a Pretinha), Tânia Maranhão, Marta Vieira da Silva, (esta última atualmente, eleita por três vezes a melhor jogadora do mundo!), Cristiane, entre tantas outras, mas que não constam na história que o Museu do Futebol de São Paulo busca retratar, nessa história parcial do futebol no Brasil.

Mais difícil ainda é constatar que essa ausência passa despercebida, pois os diversos acontecimentos sociais que dialogam com os lances futebolísticos são tão

instigantes que não deixam os espectadores se perceberem da lacuna sobre nossas mulheres atletas, como se tratasse de histórias menores e, portanto, dispensáveis. No entanto elas existem, não são mitos e apesar das adversidades que enfrentam como a falta de clubes e patrocinadores, vêm se destacando e contando uma outra história, que como tal – e não podia ser diferente - reflete a luta das mulheres por igualdade e justiça social.

Fontes:

Museu do Futebol de São Paulo, visitado em 06 de dezembro de 2008.

PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. Tradução Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

Tv Globo – reportagem exibida no dia 11 de janeiro de 2009, no Programa Esporte Espetacular, realizada em Araguari no Triângulo Mineiro.